

Exuberante

Séia Ferreira

- Já estou pegando o trem. Me pega na estação? - Foi assim o último telefonema de Mona, na estação Quitéria.

No trem, o sacolejar, o barulho dos trilhos e o apito faziam com que a curta trajetória ficasse ainda mais angustiante. Ela pensava em como seria seu novo encontro, a recepção, como Leo estaria vestido. Seu cheiro ela já conhecia. Já estava impregnado em sua alma.

Faltava agora uma estação apenas, que a separava do beijo, do abraço caloroso que, com certeza, receberia. Leo havia ligado, pedindo-lhe que se encontrassem, pois a saudade apertava a cada dia. Ela, por sua vez, não colocou empecilho, pois estava também com saudades dos beijos, dos carinhos e da companhia dele.

O trem entrou na estação, onde se reiniciaria uma história de amor e de prazer. Mona pegou sua mala, respirou fundo e desceu. Sentiu um frio na barriga, misto de ansiedade e medo. Aproximava-se o momento de estarem juntos.

Começou a subir, aflita, as escadas, pensando se Leo já a estaria esperando, ou se ela é que teria de esperar pela chegada dele. Essa aflição a fazia sentir cólica. Queria sentar-se ali mesmo, porém o desejo de revê-lo era mais forte que tudo. Tinham muitas coisas em comum, dentre elas, um primeiro relacionamento complicado e traumático. Com certeza a música era a melhor parte de tudo que tinham em comum. As tristezas, os desamores, os dissabores, as angústias e as agressões haviam existido em suas vidas mas, seria melhor que se esquecessem de tudo e que se dessem nova chance de viver, de amar.

Mona chegou, por fim, na saída da estação, local do encontro. Percorreu com os olhos, rapidamente, todo o saguão. Não o viu. Olhou novamente, pois seus olhos, ávidos por encontrá-lo, poderiam traí-la.

De repente, uma voz conhecida perguntou-lhe se não o estava vendo. Aquelas palavras tiveram o mesmo efeito de uma brisa, em dia de sol ardente. Acabou-se a angústia, a dor na barriga e o frio na espinha. Tudo fora substituído por uma imensa alegria. Soltou a mala no chão e sua bolsa desceu, acompanhando o movimento da mala. Seus braços se abraçaram, suas bocas se beijaram, seus poros exalavam desejo e prazer de estarem juntos novamente. Seus corpos se colaram sem a intenção de se desprenderem. Queriam sentir o calor um do outro.

Caminharam de mãos dadas até o carro para fazerem o restante do trajeto que os separava de seu ninho de amor.

Tão logo entraram no apartamento onde iriam suprir todas as suas carências, foram ficando malas, roupas e tudo mais pelo chão. Ali mesmo, na sala, sem resistirem à atração louca que estavam sentindo, beijaram-se, e seus corpos deixaram-se cair ao chão, sem sentir nenhuma dor, apenas tesão, prazer. Deslizaram suas mãos pelos seus corpos, fazendo-se sentir, mutuamente, todas as formas de prazer. Amaram-se.

Por toda a manhã o jovem casal proporcionou-se prazer sem censura. Leo colocava sua boca em seus seios sugando-os, vorazmente, como criança faminta. Suas mãos percorriam todo o corpo de Mona. Ela já o tinha sobre si, louco de cólera. Não houve impedimentos: ele a penetrou. Gostosamente, ela o sentiu entrando em si, latejante e inteiro, ocupando todos os espaços.

Após um calmo vai e vem, seus corpos se entregavam à volúpia. Acompanhando o movimento das águas do mar, chegaram ao ápice e ele nela desaguou, imitando a onda na areia. Contudo eles não estavam satisfeitos. Era apenas o começo.

Resolveram se refrescar com um delicioso banho. Mona entrou primeiro no *box* e começou a deslizar o sabonete pelo corpo, lavando suavemente a genitália. Leo entrou, ela então começa a passar o sabonete em suas costas, nádegas. Fez isso com tanta delicadeza e sensualidade que mais uma vez seus corpos arderam de prazer. Ela lavou seu pênis, numa grande excitação. Beijaram-se, com a água morna do chuveiro caindo por seus rostos. Saíram dali. Ele a encostou na parede gelada do banheiro, abraçou sua cintura, deixando-a imóvel, roçando seu tórax nos seios dela. Só suas pernas tinham mobilidade. Não precisou forçar a abertura das pernas da moça que as

abriu assim que sentiu o extraordinário pênis que o rapaz lhe apresentava. Por mais uma vez eles chegaram ao clímax. Dormiram até parte da tarde.

O apartamento transformou-se num quarto de motel, formando a trilogia que combina com este local: sexo, banho e comida.

Foi um exuberante final de semana. Não sabiam se havia chovido, se tinha tido jogo do campeonato brasileiro ou se tinha pego fogo no prédio da esquina, por que viveram só para eles. Entretanto chegou a hora da partida. Com tristeza na alma ela refez sua mala. Leo sabia que sentiria falta da amiga, amante, ao seu lado. O perfume dela já fazia parte do ambiente, assim como o cheiro de sexo estava por todo o quarto e pelos lençóis. O rapaz pensava em como seria triste ouvir as músicas sem comentar este ou aquele detalhe. Ver um filme cômico sem pensar como ela iria rir daquela cena. Como sua cama era grande sem a presença de sua namorada.

Leo tinha que admitir que Mona já lhe fazia falta. Ela só não havia aprendido a dormir na cama dele, mas ficar recostada em seu peito. Isso sim valia mais que qualquer noite de sono.

Saíram do apartamento de mãos dadas. Ele carregava a mala. Fizeram o trajeto até a estação Quitéria, onde vêm e vão alegrias e tristezas a cada apito do trem.

Beijaram-se demoradamente. Leo ainda acenou para Mona do alto do muro. Ela não viu. Chorava, já com saudades do rapaz, por quem estava apaixonada.

F I M